



**A PLANTAÇÃO DE IGREJAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL.
UMA AVALIAÇÃO DO MÉTODO UTILIZADO PELA MISSÃO JUVEP
PLANTING CHURCHES IN NORTHEASTERN BRAZIL.
EVALUATING THE METHOD USED BY THE JUVEP MISSION**

**Delmar Ezequiel Storck¹
Arthur Wesley Dück²**

RESUMO

O Brasil é um país com uma grande população evangélica: de acordo com o Censo de 2010 representa 22,2% do total e mostra sinais de crescimento. Apesar desse crescimento entre os evangélicos, o Nordeste brasileiro continua tendo grandes regiões com pequena presença evangélica. As dificuldades de difusão do evangelho devido à religiosidade popular, o sincretismo, a cultura do nordestino, a pobreza endêmica e a exploração são analisadas nesse trabalho. A forma como a igreja brasileira lida com a questão do evangelismo no Nordeste, os métodos propostos para atingir os não evangelizados foram verificados a partir das propostas da Juvep, uma organização missionária. O 62º Projeto Missionário da Juvep em Assunção do Piauí, PI, principalmente o trabalho realizado em uma comunidade rural quilombola, o Sítio Velho foi o objeto da pesquisa. A partir das observações feitas avaliou-se o método utilizado pela Juvep.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelismo. Sincretismo. Missões. Plantação de igrejas.

ABSTRACT

Brazil is a country with a large evangelical population: according to the 2010 Census it represents 22.2% of the total population, and continues to grow. Despite this growth among evangelicals, the Brazilian Northeast still has large areas with small evangelical presence. The difficulties of spreading the gospel because of folk religion, syncretism, the northeastern culture, endemic poverty and exploitation are analyzed in this work. The way the Brazilian church deals with the issue of evangelism in the Northeast and the methods proposed to achieve

¹ Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis. delmar_storck@yahoo.com.br.

² Doutor em Estudos Interculturais - *Trinity International University* (EUA). Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade. arthur.duck@fidelis.edu.br.

the unreached were evaluated based on the model used by the Juvep, a missionary organization. The 62th Missionary Juvep Project in Assunção do Piauí, PI, particularly the work done in a former slave and rural community (Sítio Velho) was the locus of this research. Their evangelistic effort was evaluated based on participant observation.

KEYWORDS: Evangelism. Syncretism. Mission. Planting Churches.

INTRODUÇÃO

O Nordeste do Brasil tem 27,8% da população do Brasil que significa 53.081.950 pessoas em 2010. Tem a população mais pobre do país (67,9% ganham menos de um salário mínimo).³ Aliado a isso, o sertão nordestino é a região menos evangelizada do Brasil. Segundo Sérgio Ribeiro, há 196 municípios no sertão nordestino com população evangélica menor do que 5% e cerca de seis mil povoados rurais nos quais não há nenhuma igreja evangélica (RIBEIRO, 2014).⁴ Essa população do sertão é praticamente esquecida pelas Igrejas evangélicas e não é alvo de programas de evangelismo e plantação de novas Igrejas (LYRA, 2013, p.101, 189).

No Sul e parte do Sudeste do Brasil, a grande maioria da sua população é formada por descendentes de imigrantes europeus e orientais que chegaram ao país a partir do séc. XIX, enquanto os nordestinos em geral, são descendentes de mestiços de portugueses com africanos e indígenas. Esse perfil de brasileiros começou a formar-se a partir do séc. XVI quando Portugal começou a explorar economicamente a sua colônia (FREYRE, 2014, p. 65). O sistema de capitanias e a produção de açúcar em grandes engenhos na costa nordestina foi o berço da sociedade nordestina. Como no litoral produzia-se cana de açúcar, a pecuária deslocou-se para o interior da região, ocupando as áreas do semiárido (SILVA, 2006, p. 35, 36). Essa economia do semiárido utilizou principalmente a mão de obra do caboclo. Houve uma intensa miscigenação do negro com o índio também (RIBEIRO, 2009, p. 86).

O povo nordestino historicamente sofreu com o modelo econômico agropastoril escravagista e baseado no latifúndio que gerou imensas desigualdades e pobreza crônica (SILVA, 2006, p. 108). Essa população nordestina até hoje sofre intensamente as consequências

³Disponível no site do IBGE:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/sinopse_tab_brasil_pdf.shtm>. Acesso em: 05/03/2015.

⁴Disponível no site da JUVEP: <<http://juvep.com.br/v2/?p=1201>>. Acesso em: 5/03/2015.

dos problemas históricos na sua formação sócio – cultural – econômica. Isso pode ser visto nos resultados do censo.

Para essa região que a igreja brasileira deve dirigir o seu olhar e levar com grande empenho o evangelho da salvação. Nesse contexto de muita pobreza e pouca divulgação do evangelho, a Missão Juvep, escolheu em acordo com a igreja parceira, o município de Assunção do Piauí para realizar o 62º Projeto Missionário. Com um grupo de cento e trinta e sete voluntários que vieram de diversos estados do Brasil e de várias denominações foi realizado o “avanço missionário” na pequena cidade e nas vilas rurais do município. Usando o método de evangelização pessoal, estudos bíblicos, reuniões públicas em praças e ruas foi pregado o evangelho àquela população. As ações realizadas na divulgação do evangelho feitas nesse Projeto Missionário, especialmente na comunidade quilombola do Sítio Velho, foram avaliadas para saber se o método de avanço missionário, utilizado pela Juvep é eficaz naquele contexto sociocultural.

1 A JUVEP

A Juvep (Juventude Evangélica Pessoaense) é uma agência missionária interdenominacional localizada em João Pessoa, PB. Surgiu em 1981 quando um grupo de jovens, membros das igrejas de João Pessoa, resolveu unir-se para evangelizar a cidade. Esses jovens tinham reuniões de orações, programações conjuntas com louvor, reflexão bíblica e orações por missões nas cidades do interior do estado. Desse anseio surgiram os avanços missionários denominados Projetos Missionários. “O primeiro Projeto Missionário no Sertão foi em janeiro de 1983 na cidade de Diamante, que não possuía nenhuma igreja evangélica e nenhum cristão evangélico residente” (RIBEIRO, 2012, p.18). Atualmente, a Juvep realiza dois projetos missionários por ano, no período de férias escolares: em janeiro e julho. Esses projetos visam implantar igrejas em cidades do sertão nordestino, onde a presença de população evangélica é menor que 5%. Em janeiro de 2015 foi realizado o 62º Projeto Missionário, na cidade de Assunção do Piauí, PI, onde, além da cidade foram evangelizadas comunidades rurais.

A Juvep também mantém o Centro Nordestino de Missões com Centro de Preparo Missionário e Seminário Teológico em João Pessoa. Mantém o Seminário Sertanejo em Itaporanga, PB, destinado à capacitação de obreiros para o sertão nordestino. Essas escolas têm

o objetivo de treinar obreiros e missionários, visando principalmente o interior do nordeste e para missões transculturais, no Brasil e exterior.⁵

2 CARACTERÍSTICAS DO NORDESTE E DE SEU POVO

O Nordeste tem três regiões distintas: o litoral, onde chove com regularidade e quantidade suficiente para a produção agrícola; o agreste que faz parte do semiárido, porém tem condições de clima menos severas e o sertão que é a região que chove menos. A vegetação típica do sertão nordestino é a caatinga, um bioma complexo, formado por árvores que tem grande resistência à baixa pluviosidade e às secas cíclicas da região (SILVA, 2006, p. 18). A pobreza da flora aliada aos solos pouco férteis cria a condição ideal para a perpetuação da miséria do homem nordestino.

Segundo Darcy Ribeiro, “No agreste, depois nas caatingas e, por fim, nos cerrados, desenvolveu-se uma economia pastoril associada originalmente à produção açucareira como fornecedora de carne, de couros de bois de serviço. Foi sempre uma economia pobre e dependente” (RIBEIRO, 2009, p. 307).

A colonização do nordeste iniciou pelo litoral onde a mata foi substituída pela monocultura da cana de açúcar trazida da Ilha da Madeira (RIBEIRO, 2009 p. 249; FREYRE, 2014, p. 289). No início da colonização procurou-se utilizar a mão de obra indígena. Porém, a escravização do indígena não teve êxito para as lides agrícolas (FAUSTO, 2009, p. 23).

Às exigências do novo regime de trabalho, o agrário, o índio não correspondeu, envolvendo-se em uma tristeza de introvertido. Foi preciso substituí-lo pela energia moça, tesa, vigorosa do negro, este um verdadeiro contraste com o selvagem americano pela sua extroversão e vivacidade (FREYRE, 2014, p. 229).

Essa economia tinha no açúcar o principal produto de exportação. “A empresa açucareira foi o núcleo central da ativação socioeconômica do Nordeste. [...] Foi nas décadas de 1530 e 1540 que a produção açucareira se estabeleceu no Brasil em bases sólidas” (FAUSTO, 2009, p. 39).

Essa ocupação do sertão nordestino deu origem a uma sociedade mestiça (CUNHA, 2010, p. 86). Fruto da miscigenação do português com as índias e negras e também de negros

⁵Disponível em: <http://juvep.com.br/v2/?page_id=702>. Acesso em: 20/03/2015.

que fugiam e se refugiavam em quilombos e raptavam índias e caboclas para suas companheiras (FREYRE, 2014, p.108-109).

O sistema escravocrata e de grandes latifúndios aliado ao da família patriarcal criado pelos colonizadores deixou marcas profundas no Nordeste (LYRA, 2013, p. 38, 62, 63). Esse sistema é o responsável pela miséria e atraso, pelos escandalosos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) no Nordeste. Em 2010, o Nordeste tinha 1013 municípios com IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) – considerados baixo e muito baixo contra 5 da região Sul.⁶ De acordo com Sergio Lyra “O problema da má distribuição de riqueza e extrema pobreza, no Nordeste brasileiro, remonta ao período de sua colonização [...] foi instalada uma cultura perversa e duradoura de poucos ricos e muitos pobres”. Continua existindo o coronelismo substituindo o senhor de engenho, o latifúndio e uma população rural paupérrima que é a mão de obra equivalente à escrava (LYRA, 2013, p. 54).

3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS

A partir do séc. XVI houve uma grande transferência de população africana de diversos países, principalmente da costa oeste do continente, para o Brasil como escravos. A mão de obra dos escravos foi o motor da economia açucareira, principalmente no Nordeste. Foi um sistema desumano e muito cruel que dizimou milhões de vidas numa absurda máquina de “moer gente” (RIBEIRO, 2009, p.106-107). Isso obrigava a reposição contínua de escravos e, portanto, a continuação do tráfico de pessoas da África para o Brasil (SOUZA, 2008, p. 23).

O negro foi incorporado à sociedade brasileira mantendo suas características originais ou através da mestiçagem com brancos, índios e caboclos. Essa população teve grande importância na formação do povo brasileiro (ANJOS, 2009, p. 148). Trouxe consigo as suas crenças às quais incorporou os santos da igreja católica mais as crenças indígenas (RIBEIRO, 2009, p. 105).

Fugindo da barbárie que o colonizador português lhe infligia, o escravo africano tentava fugir dos seus donos. Os escravos fugitivos formavam aldeamentos em locais de difícil acesso que se chamavam quilombos (FIABANI, 2008, p. 53), palavra de origem Banto, que significa acampamento de guerreiros (SOUZA, 2008, p. 28). Esse aldeamento foi um processo de resistência para que os negros, ex-escravos, se mantivessem vivos e pudessem reproduzir-se.

⁶Fonte: Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento: PNUD. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf>>. Acesso em: 03/04/2015

Contudo, nesses longos anos de cativeiro, foi recorrente o processo de resistência da população negra cativa com o intuito de superação da condição de escravizados e da busca de sua liberdade perdida. Nesse sentido, a resistência negra manifestou-se em diferentes formas. Uma delas, e provavelmente a mais comum, foi a fuga de escravizados; e foram a partir dessa fugas que, em geral, surgiram os denominados quilombos, lugares onde os escravizados refugiavam-se com o principal objetivo de assegurar a sua liberdade (SANTOS e LIMA, 2013, p. 104).

Porém, os quilombos não eram apenas de africanos, conforme vemos na descrição de Gilberto Freyre: “Escasseavam entre os escravos fugidos as mulheres de sua cor, recorrendo eles, para suprir a falta, ao rapto das índias ou caboclas de povoados e aldeamentos próximos...” (FREYRE, 2014, p. 109). Ou como assinala Roger Bastide “Nos quilombos, nós o veremos, negros e indígenas se mesclarão fraternalmente” (BASTIDE, 1971, p. 114).

A vida de um escravo africano era curta: pouca alimentação, submetido a enormes jornadas de trabalho de 18 horas por dia, tratamentos cruéis e doenças, sobreviviam poucos anos. Para livrar-se dessa vida infeliz muitos fugiam. Porém, havia um aparato de repressão violento do estado e dos próprios senhores que impediam as fugas (RIBEIRO, 2009, p. 106 - 107).

As práticas cotidianas, a base legal e a bagagem ideológica que tirava a humanidade dos africanos, homens e mulheres, e de seus descendentes, no “Novo Mundo”, demonstram que esses foram submetidos a violências e sacrifícios inomináveis. Calcular a dimensão dos níveis insuportáveis de barbarismo associados à escravidão na América amplia a percepção do quão importante foram os quilombos e as demais formas de resistências dos africanos e seus descendentes (SOUZA, 2008, p. 24).

A escravidão acabou oficialmente com a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888. Esses escravos foram libertos, mas não se deu qualquer condição de sobrevivência digna. Ocuparam as periferias das cidades que resultaram nas favelas de hoje (RIBEIRO, 2009, p. 177), e muitos negros libertos permaneceram nas terras dos antigos donos. As comunidades quilombolas são uma forma de resistência que iniciou no período colonial e que chegou até os nossos dias (FIABANI, 2008, p. 49).

Contudo, ainda no séc. XXI os afrodescendentes, residentes em quilombos, tem um longo caminho a percorrer. Existem no Brasil 2474 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares.⁷ De acordo com a pesquisadora Barbara Oliveira Souza, as comunidades quilombolas tem uma situação de renda muito baixa, não tem acesso ao saneamento básico, problemas de desnutrição de crianças e infecções (SOUZA, 2008, p. 168-169). No Nordeste, a

⁷Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/crqs/lista-das-crqs-certificadas-ate-23-02-2015.pdf>>. Acesso em: 03/04/2015.

questão das secas cíclicas e falta de acesso às tecnologias de produção deixam a situação mais crítica e essas comunidades mais vulneráveis.

4 RELIGIOSIDADE DO POVO NORDESTINO

O catolicismo veio para o Brasil junto com as caravelas de Cabral, sendo que no dia 26 de abril de 1500, já se oficiava uma missa católica na costa brasileira, pelo frei franciscano Henrique Soares de Coimbra, auxiliado pelo padre Marcos Oliveira Ferreira. Isto foi documentado por Pero Vaz de Caminha em sua carta ao rei de Portugal.⁸ O papa Nicolau V, na bula *Romannus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1454, concedeu ao rei de Portugal o direito de “invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à escravidão” (RIBEIRO, 2009, p. 36). Portanto, junto com a opressão dos indígenas também vieram os catequizadores impondo a religião.

As duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Uma estava ligada á outra, sendo o catolicismo reconhecido como religião do Estado. [...] Como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o “controle das almas” era um instrumento muito eficaz para veicular a ideia geral de obediência e mais restritamente de obediência ao poder do estado (FAUSTO, 2009, p. 29).

O catolicismo trazido pelos portugueses era a religião oficial e única da colônia. O monopólio dessa era garantido pelo sistema político. Porém, aqui ele adaptou-se, sendo que, algumas ordens tornaram-se proprietárias de grandes áreas de terras e empreendimentos agrícolas (FAUSTO, 2009, p. 30).

O Brasil formou-se, despreocupados os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça. Durante quase todo o século XVI a colônia esteve escancarada a estrangeiros, só importando às autoridades coloniais que fossem de fé ou religião católica. [...] O perigo não estava no estrangeiro nem no indivíduo disgênico ou cacogênico, mas no herege. Soubesse rezar o padre-nosso e a ave-maria, dizer creio-em-Deus-Padre, fazer o pelo-sinal-da-Santa-Cruz e o estranho era bem-vindo no Brasil colonial. O frade ia a bordo indagar da ortodoxia do indivíduo como hoje se indaga da sua saúde e da sua raça (FREYRE, 2014, p. 91).

Ao índio e ao negro escravo impôs-se a religião católica. Os negros eram batizados antes de embarcar nos navios negreiros ou quando chegassem aqui (FREYRE, 2014, p. 436). Os índios foram objetos de catequese principalmente pelos padres jesuítas que formaram colônias onde abrigavam os indígenas dos ataques dos colonos e caçadores de escravos. Essas colônias

⁸Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 05/04/2015.

foram chamadas reduções ou missões jesuíticas. Porém, o catolicismo amalgamou-se com as crenças indígenas e africanas.

Do indígena de cultura totêmica e animista, ficaria no brasileiro, especialmente quando menino, uma atitude insensivelmente totêmica e animista... [...] O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e do baixo espiritismo (FREYRE, 2014, p. 211-212).

Os senhores e o clero toleravam os costumes e religiosidade dos negros:

A liberdade do escravo de conservar e até ostentar em festas públicas - a princípio na véspera de Reis, depois na noite de Natal, na de Ano-Bom, nos três dias de carnaval - formas e acessórios de sua mítica, de sua cultura fetichista e totêmica, dá bem a ideia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil (FREYRE, 2014, p. 439).

A questão religiosa também é um fator de resistência dos escravizados, tanto indígenas quanto africanos. “Na verdade, à semelhança dos índios, os negros substituíram os santos católicos pelas suas diversas entidades, consideradas como espíritos protetores em tribos africanas, uns para fazer o bem, outros para fazer o mal” (LYRA, 2013, p. 50). Dentro do país, o Nordeste é a região que mais sofre a influência do catolicismo, pois historicamente foi a região onde ocorreu o sistema de família patriarcal e economicamente intensamente atrelada à economia açucareira e ao uso de mão de obra escrava. “Mas, mais curioso ainda, é que esse sincretismo foi acrescido de traços culturais brancos e que o negro foi um instrumento de difusão do catolicismo português entre os índios, um catolicismo provavelmente bastante modificado e corrompido” (BASTIDE, 1971, p. 136).

Outro traço importante da religiosidade brasileira, segundo Sérgio Buarque de Holanda foi “o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar [...], um culto que dispensava no fiel todo o esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu pela base, o nosso sentimento religioso” (HOLANDA, 2009, p. 150).

Houve alguma introdução do protestantismo no Nordeste, no século XVII, durante o domínio holandês sob o comando do Príncipe Maurício de Nassau. Porém, quando os holandeses foram expulsos do Brasil apagaram-se os vestígios dessa influência (LYRA, 2013, p. 67, 73). Conforme Sérgio Buarque de Holanda, a religião trazida pelos holandeses não era tão simpática aos negros e índios como a católica,

Não proporcionava nenhum terreno de transição por onde sua religiosidade pudesse acomodar-se aos ideais cristãos [...] não faltaram entre eles esforços constantes para chamar a si os pretos e indígenas do país e que esses esforços foram, em grande parte,

bem-sucedidos. O que parece ter faltado em tais contatos foi a simpatia transigente e comunicativa que a Igreja católica, sem dúvida mais universalista ou menos exclusivista do que o protestantismo, sabe infundir nos homens, ainda quando as relações existentes entre eles nada tenham, na aparência, de impecáveis (HOLANDA, 2009, p. 65).

Esse modelo de catolicismo e a práxis utilizada pelos padres contribuiu para o catolicismo popular sincrético que há hoje no Nordeste. Segundo o Pr. Cesário de Paula Conserva, “a cosmovisão religiosa do Sertão Nordestino tem sua origem em sua colonização e exploração” (CONSERVA, 2012, p. 42). A frouxidão na teologia católica por parte dos padres permitiu que os escravos negros e os indígenas fizessem uso de figuras e ritos do catolicismo para a prática dos seus costumes religiosos, criando assim uma deformidade no cristianismo.

Nossos índios eram animistas e levados à adoração de objetos, utilizando conchas, figuras de palha ou pele de animais, pedras e até peças em madeira nos seus rituais, claramente associados às figuras de antepassados. A imposição obrigatória do catolicismo levou os índios, fortemente marcados pela tendência de venerar os seus antepassados através de totens, a produzir uma correspondência de veneração. Uma vez que os índios descobriram que a veneração católica era dada às imagens dos santos (todos homens e mulheres já mortos), não foi difícil para os indígenas transferirem e adaptarem para essas imagens as suas práticas e devoção totêmicas já estabelecidas (LYRA, 2013, p. 49)

Conforme Conserva essas crenças que estão entranhadas na cultura nordestina tornou o Sertão uma região de difícil penetração para o evangelho. “Não apenas essa cosmovisão baseia-se na subserviência dessa gente aos espíritos enganadores, mas também na sua forma de vida e valores” (CONSERVA, 2012, p. 43).

Os sertanejos são pessoas com muitos e fortes hábitos religiosos, mas milhões se encontram sem Cristo entronizado no coração. Sobre Jesus, não há pregação nem ensino bíblico genuíno; por isso mesmo, o coração é tomado por tradições, superstições, credices, religião. São pessoas místicas, devotas, mas sem salvação, por desconhecerem Jesus, o Cristo de Deus, revelado nas Sagradas Escrituras (MEDEIROS, 2013, p. 42).

O Nordeste além do sincretismo religioso possui uma pobreza endêmica, analfabetismo, exploração religiosa, corrupção política aliada ao coronelismo que perverte e massacra a alma do sertanejo. “Em uma sociedade sem justiça e onde a política se apresenta em suas expressões mais corrompidas, a genuína Igreja de Jesus, através do Evangelho contextualizado é a única esperança de libertação” (CONSERVA, 2012, p. 54).

5 MOTIVAÇÃO PARA EVANGELIZAR

Quando Jesus nasceu em Belém, um anjo veio até alguns pastores em Belém e disse-lhes: “Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc, 2.10,11). As boas-novas começaram a ser anunciadas pelos anjos, primeiro a Zacarias, Maria e depois aos pastores. Deus anuncia as boas-novas aos homens através dos seus anjos, em seguida por João Batista, depois Jesus que comissiona a sua Igreja a fazê-lo. Conforme Ulrich Becker, as palavras gregas *euangelion* tem o significado de boas-novas, evangelho, *euangelizo*: trazer ou anunciar boas-novas, proclamar ou *euangelizomai*: trazer boas-novas proclamar boas notícias (BECKER, 1982, p.166-167). De acordo com esse autor, “Nos evangelhos Sinóticos, de modo semelhante, *euangelion* é o nome que se dá às boas-novas do evento salvífico em Jesus Cristo, conforme a igreja prega” (BECKER, 1982, p. 171).

Porém, Christopher J. H. Wright lembra-nos que de acordo com Paulo, o evangelho deve ser compreendido à luz do Antigo Testamento:

Escritura, diz ele “anunciou com antecedência a boa notícia a Abraão”, quando Deus lhe prometeu que todas as nações seriam abençoadas por intermédio dele (Gl 3.8). O evangelho bíblico começa em Gênesis, e não em Mateus. Isso certamente coloca o “evangelho” em nossa estrutura da teologia bíblica.

A segunda razão é que parece provável que o vocabulário do Novo Testamento para evangelho e evangelismo tenha, na verdade, suas raízes no Antigo Testamento, principalmente no livro de Isaías (e em alguns salmos, conforme veremos). De fato, as palavras do “evangelho” remontam às boas-novas que chegaram aos exilados na Babilônia (WRIGHT, 2012, p. 214).

Essa boa-nova que começa a ser anunciada em Gênesis, Jesus encarrega a sua igreja de proclamá-la: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que eu vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28.19, 20).⁹ O evangelista Lucas relata o comissionamento da igreja que foi feito por Jesus aos apóstolos e aos demais discípulos no livro de Atos: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (At 1.8). A todas as nações, a Judeia, Samaria e até os confins da terra Deus está enviando a igreja. Significa que não há barreiras para o evangelho: todas as nações, todos os povos, todas as etnias de todas as línguas deverão ouvir as boas-novas.

⁹ Bíblia Sagrada: Almeida Século 21. Edição Revista e Atualizada, Edições Vida Nova. As demais citações são da Bíblia editada pela Sociedade Bíblica do Brasil: Almeida Revista e Corrigida.

Quando o pecado entrou no mundo houve uma quebra da harmonia entre Deus e a sua criação. Bruce Milne diz que a “insensatez primordial de Adão submeteu todo o universo, tanto prospectiva como retrospectivamente, às forças da deterioração e perversidade cósmicas e, portanto, à possibilidade do sofrimento e da tragédia” (MILNE, 2005, p. 84-85). O apóstolo Paulo diz na carta aos romanos: “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8: 22, 23). John Painter comentando esse texto afirma que:

O pecado humano também teve consequências para o mundo natural porque o julgamento de Deus em resposta ao pecado humano (Rm 1,18-31) sujeitou o mundo à futilidade (*mataiotes*). [...] O mundo presente, sujeito à futilidade, à corrupção e ao sofrimento será libertado no mundo futuro [...]. O propósito divino é a redenção, da qual toda a criação participará por intermédio da revelação dos filhos de Deus e da libertação da criação da sujeição à corrupção (PAINTER, 2008, p. 873).

O evangelho deve transformar o homem e reconciliá-lo com Deus, o Criador, mas também deve minimizar os efeitos do pecado sobre a criação. Nos dias atuais vê-se uma grande quantidade de conflitos, insegurança em todas as nações, uma terrível miséria e a cruel destruição do meio ambiente, porém os cristãos têm a missão de fazer a diferença nesse mundo. O evangelho a ser pregado deve atender o homem e suas necessidades. Christopher Wright diz que: “Cristo não é apenas o mensageiro das boas-novas (cf. Is 52.7); Cristo é a boa-nova, no sentido de que o evangelho que proclama que Jesus de Nazaré é o Messias-Rei e Salvador — para cumprir as promessas de Deus em toda a Escritura, desde Gênesis” (WRIGHT, 2012, p. 236). Sendo assim de acordo com esse autor:

Todas as coisas no universo foram criadas por Cristo, estão sendo sustentadas por Cristo e serão reconciliadas com Deus por meio de Cristo, por meio do sangue da sua cruz. Essa é a abrangência empolgante e universal do de Deus por intermédio de Cristo (WRIGHT, 2012, p. 236).

6 POR QUE PLANTAR IGREJAS?

Quando se fala em plantar igrejas, não se está falando de construção de templos, mas de criar comunidades de salvos por Jesus Cristo, que O tem como Senhor de suas vidas. De acordo com Howard Snyder, “A igreja é vista como a comunidade do povo de Deus - um povo chamado para servi-lo e chamado para viver junto numa verdadeira comunidade cristã, como testemunha

do caráter e virtudes do seu reino” (SNYDER, 2004, p. 12). O evangelista Lucas relata que Jesus antes de ser elevado aos céus deu ordens que ficassem em Jerusalém até que do alto fossem revestidos de poder (Lc 24.49) o que aconteceu durante a festa do Pentecostes. A igreja começava a ser formada em Jerusalém e o Espírito Santo capacitou os discípulos a testemunhar (At 2.14-47). A formação da igreja é obra de Deus, os homens são coadjuvantes. A igreja tem o objetivo de levar à reconciliação dos homens com Deus: “E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Co 5.18).

Segundo Peter T. O’Brien, o apóstolo Paulo faz um uso intenso da palavra *ekklesia* em suas cartas (62 vezes). Ele dá as seguintes conotações: “uma assembleia ou reunião local de cristãos num local particular [...], uma reunião que ocorria numa casa particular, uma igreja doméstica [...] e uma reunião celestial [...] designando uma entidade celeste e escatológica” (O’BRIEN, 2012, p. 641).

Por meio da pregação do evangelho, homens e mulheres foram convidados a se tornar membros dessa única igreja de Cristo, a assembleia celeste. Foram conduzidos à comunhão com o Filho de Deus (cf. 1Co 1.9), e a ideia de serem membros dessa assembleia celeste reunida em torno de Cristo é outra maneira de se referir a esse novo relacionamento com ele. Eles e outros cristãos deveriam se reunir em congregações locais aqui na terra, pois era uma maneira importante de expressar sua comunhão com Cristo (O’BRIEN, 2012, p. 642).

O autor Wilbur O’Donovan Jr. diz que Deus tem os seguintes propósitos para a igreja: o louvor e adoração de Deus, evangelização e testemunho, boas obras, comunhão e edificação e finalmente a herança eterna em Cristo (O’DONOVAN, 1999, p. 179-181). A função dela é levar o evangelho, acolher os pecadores arrependidos e juntos adorar a Deus. Lucas descreve no livro de Atos que a igreja de Jerusalém tinha comunhão, perseveravam na doutrina dos apóstolos, acudiam os necessitados, louvavam a Deus e enviavam obreiros (At. 2:42-47, 8:14, 11:22). “Deus está em ação no mundo hoje. [...] Ele está formando uma igreja para a sua própria glória, com homens e mulheres de toda a tribo e nação do mundo” (O’DONOVAN, 1999, p. 179).

Sobre a missão evangelizadora da igreja, Rene Padilla diz: “Da universalidade do evangelho, deriva-se a universalidade da missão evangelizadora da igreja. [...] O

arrependimento e o perdão dos pecados em Seu nome devem ser anunciados em todas as nações” (PADILLA, 1975, p.100)¹⁰ (Tradução do autor).

Christopher J. H. Wright fala das igrejas que enviam e sustentam. Cita a igreja de Jerusalém, Antioquia e Filipos como sendo centros de propagação do evangelho. “Portanto, as igrejas devem ser comunidades ao redor do mundo, plantadas, instruídas e conectadas pelos ministérios de enviar, ir e sustentar, por causa do nome de Cristo e da verdade do evangelho” (WRIGHT, 2012, p. 259, 264).

Considerando que a região do Nordeste denominada “sertão” tem a menor população de evangélicos do Brasil há a necessidade urgente de se plantar igrejas saudáveis, nas quais Jesus Cristo seja reconhecido como Senhor. Essas igrejas devem estar adaptadas ao contexto sertanejo e que busquem na Palavra de Deus a base de suas doutrinas e que se multipliquem.

Dessa forma pode-se inferir que a chamada igreja brasileira deve voltar a sua atenção para os rincões do país (sertão nordestino, interior da Amazônia, colônias étnicas do sul do Brasil, comunidades quilombolas, comunidades indígenas e alguns municípios do Rio Grande do Sul em que não há ou é pequena a presença evangélica) onde devem ser plantadas igrejas. Com a palavra Rene Padilla: “Nossa maior necessidade é um evangelho mais bíblico e uma igreja mais fiel” (PADILLA, 1975, p. 149)¹¹ (Tradução do autor).

7 METODOLOGIA UTILIZADA

Para fazer a plantação de igrejas no Nordeste, a Juvep em parceria com alguma igreja interessada em abrir novos trabalhos na cidade, realiza o Projeto Missionário. Esse Projeto Missionário consiste em utilizar o método de impacto ou avanço missionário que é proposto por Sérgio Lyra (LYRA, 2013, p. 251, 256). Esse método prevê uma pesquisa anterior sobre o município a ser evangelizado. Municípios com menos de 5% de presença evangélica serão o alvo do projeto. Uma equipe desloca-se à cidade com antecedência para fazer as prospecções e contatos com a comunidade.

Quando os participantes do Projeto Missionário chegam, são treinados por três dias sobre os métodos de evangelização, que tipo de cultura vão encontrar, como portar-se naquele

¹⁰“De la universalidad del Evangelio se deriva la universalidad de la misión evangelizadora de la iglesia. [...] El arrepentimiento y el perdón de pecados em su nombre deben ser anunciados em todas las naciones” (PADILLA, 1975, p.100).

¹¹ “Nuestra mayor necesidad es um Evangelio más bíblico y una iglesia más fiel” (PADILLA, 1975, p. 149).

contexto e quais as principais dificuldades durante o trabalho missionário. Esse treinamento inicial intensivo de três dias é realizado numa cidade maior ou na capital do estado onde será realizado o Projeto. Durante todo o Projeto Missionário, na cidade onde está ocorrendo, o treinamento continua e são utilizadas as manhãs para isso.

Os participantes são divididos em equipes sob a liderança de alguém mais experiente e são encaminhados a um bairro da cidade ou a uma comunidade rural. Dentro da equipe as pessoas são divididas em duplas ou em trios que farão as visitas às casas. À noite, cada equipe programa um culto (reunião pública em que se entoam músicas cristãs e se faz a exposição da Palavra de Deus) ao ar livre na sua área de atuação.

Nas casas, a dupla ou trio fala do evangelho, utilizando o método desenvolvido pela Juvep denominado “Plano da Salvação”: conta-se a história da criação e a queda, as tentativas humanas de salvação, como Jesus tornou-se a salvação e o que fazer após a conversão. As pessoas, após ouvirem essa exposição do evangelho, são convidadas a tornarem-se cristãs. Após a apresentação do “Plano da Salvação”, nos dias subsequentes, nas casas, faz-se estudos bíblicos com um livreto fornecido pela Juvep. Esse livreto é uma sequência de estudos visando um discipulado da pessoa que está sendo evangelizada. São distribuídas Bíblias, folhetos evangelísticos e o Evangelho de João.

Também são realizados alguns cultos evangelísticos, à noite, na sede do município, com a participação de todas as equipes. Nesses cultos, são entoadas canções com mensagens do evangelho (dá-se ênfase às músicas com letras que falem do contexto nordestino) e na pregação é falado sobre a mensagem de Salvação através de Jesus Cristo. Há a prática do ensino para as crianças realizada durante o culto: uma parte da equipe que está trabalhando nessa comunidade leva as crianças à parte, para ensinar canções evangélicas e histórias da Bíblia, durante a exposição da Palavra de Deus para os adultos.

Além dos cultos, há uma equipe que trabalha com esportes com as crianças, adolescentes e jovens. Essa equipe de esportes acompanha as demais equipes e organiza jogos com as crianças, adolescentes e jovens da comunidade durante um dia. Durante esses jogos é falado da Palavra de Deus para eles.

Durante o Projeto Missionário, há uma equipe de teatro que realiza apresentações de peças teatrais na sede do município bem como nas comunidades rurais. Essas peças de teatro falam da queda do homem e da sua redenção através de Jesus Cristo.

Todos os participantes usam uma camiseta com a identificação do Projeto Missionário.

8 O 62º PROJETO MISSIONÁRIO DA JUEP

Esse projeto missionário ocorreu em Assunção do Piauí, PI entre os dias 8 e 25 de janeiro de 2015. Durante essa participação foram anotadas todas as atividades e considerações sobre o que estava acontecendo. De 5 a 7/Jan houve treinamento dos participantes na Igreja Batista Memorial, de Timon, MA (cidade limítrofe com Teresina, capital do Piauí). No dia 8/Jan os participantes viajaram para Assunção do Piauí onde foi realizado o projeto missionário. A equipe denominada “marrom” foi designada para evangelizar as comunidades rurais de Sítio Caldeirão e Sítio Velho, uma comunidade quilombola. Sítio Caldeirão foi visitado por três dias, em que foram realizadas visitas em todas as casas e cultos públicos ao ar livre. Em seguida a equipe foi designada para trabalhar na comunidade quilombola de Sítio Velho onde permaneceu por doze dias.

A cidade de Assunção do Piauí fica no leste do estado, na divisa com o estado do Ceará. Tem a sua população estimada em 2014 em 7.667 pessoas (no censo de 2010 eram 7.503). É um município muito pobre, seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,499 tendo apenas 338 pessoas ocupadas (emprego formal) sendo que 55% da população moram no meio rural. Há uma elevada taxa de analfabetismo (39,2% dos habitantes com mais de 15 anos) sendo mais alta entre os negros com mais de 60 anos (84,3%). A renda domiciliar per capita nominal média é de R\$ 137,00 (2010). O número de evangélicos era 271 no censo de 2010,¹² que corresponde a 3,6% da população.

Evangelizaram-se as comunidades rurais de Sítio Caldeirão durante três dias e de Sítio Velho por doze dias. Sítio Velho¹³ é uma comunidade quilombola com cerca de quatrocentos e trinta pessoas, noventa e sete famílias (SILVA e BARROS, 2015).

Sítio Velho é uma comunidade distante uns 24 quilômetros da sede do município.

A comunidade originou-se a partir do assentamento de algumas famílias e atualmente possui 430 pessoas distribuídas em 97 famílias (IBGE, 2010). A classificação das pessoas por faixa etária correspondeu: menor (0 a 17 anos – 181); jovens (entre 18 e 24 anos – 59); adulto (entre 24 e 59 anos – 161) e idosos (acima de 60 anos – 29) (SILVA, e BARROS, 2015).¹⁴

¹² IBGE: censo 2010. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220105&idtema=79&search=piaui|assuncao-do-piaui|censo-demografico-2010:-resultados-do-universo-indicadores-sociais-municipais%3E>>. Acesso em: 9/04/2015.

¹³ Como a maior parte do trabalho se concentrou na comunidade quilombola de Sítio Velho, o relato será restringido a esse local.

¹⁴Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1987>>. Acesso em: 15/04/2015.

Situada num vale, a comunidade é avistada somente quando se chega à entrada da vila. É uma característica de uma comunidade de resistência: estar em local de difícil acesso. A história da comunidade é de um caçador chamado Aniceto que morava no Ceará, na comunidade quilombola de Cajueiro de Negros, na década de 80 do século XIX, e encontrou esse lugar:

Devido às dificuldades provocadas pela seca, a população nordestina, em muitos momentos, se vê obrigada a migrar em busca de melhores condições de vida. Provavelmente, Aniceto em uma de suas viagens em busca de alimentos encontrou uma região próspera, com um olho d'água e área para plantar. Aniceto retornou para Cajueiro dos Negros/CE, mas não comentou com ninguém sobre o achado. Periodicamente Aniceto retornava ao "oásis"; saía para caçar e voltava para Cajueiro após alguns dias. Voltava visivelmente bem alimentado e com roupas limpas, os moradores de Cajueiro dos Negros não entendiam como isto era possível. Dispostos a descobrir o segredo de Aniceto, um grupo de moradores seguiu o caçador sem que o mesmo percebesse. Assim chegaram ao "oásis" de Aniceto, descobriram que no local o caçador cultivava algumas roças e já havia realizado algumas benfeitorias. A partir daí, passou a se constituir no local um núcleo habitacional que deu origem à comunidade Sítio Velho.¹⁵

Essa comunidade é composta de agricultores que plantam apenas para subsistência e possuem alguns rebanhos, muito pequenos de cabras e ovelhas. Tem suas roças nos platôs (serra) que é de solos muito arenosos. No centro da comunidade passa um riacho que só tem água durante o período de chuvas. Tiveram dois períodos chuvosos que não choveu o suficiente para plantar (dois anos sem "inverno"¹⁶). Muitas pessoas fazem suas roças no vale. Não há outra atividade econômica. As pessoas dependem para sua sobrevivência de programas sociais do Governo Federal como o programa "bolsa família". Em conversa com os moradores, eles disseram que agora pelo menos têm o que comer, pois recebem a bolsa família. Quando não tinham esse benefício, passavam fome nas secas periódicas. Também foram construídas casas e foram perfurados dois poços artesianos para a comunidade. O analfabetismo entre os mais velhos é muito alto. Há um vereador que tem casa na comunidade.

Percebeu-se que as pessoas tinham um conhecimento limitado sobre a Palavra de Deus. Quando se falava sobre Jesus Cristo observava-se que não estavam entendendo. Não conheciam a história da criação. Nas casas havia muitas imagens de "Nossa Senhora", padre Cícero e outros "santos" da igreja Católica. Na semana em que foi feito o avanço evangelístico esteve lá uma rezadeira que vinha do Ceará e que explorava a comunidade (uma família pagou R\$ 700,00 por um "trabalho"). Obteve-se a informação que havia também trabalhos de umbanda. Além de

¹⁵Disponível em: <<http://www.assuncaoliveira.com/news/historia-de-libertação/>>. Acesso em: 9/04/2014

¹⁶ Inverno é como os nordestinos referem-se à estação chuvosa que corresponde ao verão e parte do outono no hemisfério sul.

uma pobreza muito grande, falta de perspectivas para uma vida melhor essas pessoas são escravizadas por costumes e crenças pagãs. Também se observou que os laços familiares são muito débeis. As casas que foram visitadas, em sua maioria eram de mulheres sem maridos. Uma delas, solteira, deu o seu filho para outra pessoa, outra senhora cria uma netinha e a sua filha mora em Fortaleza. Relataram à equipe que não há casamentos, as pessoas apenas passam a viver juntas e isso dura enquanto “der certo” o relacionamento entre o casal.

O método de evangelização utilizado era o seguinte: a equipe foi dividida em duplas ou trios e todas as casas foram visitadas todos os dias. Apresentava-se o plano de salvação (era contada a história da criação, a vinda de Jesus e sua encarnação, nascendo de Maria, sua morte e ressurreição) e as pessoas eram convidadas a tomar uma decisão de seguir a Jesus. Nos dias seguintes dava-se um estudo bíblico baseado na cartilha da Juvep. A primeira semana foi um pouco desconcertante: as pessoas recebiam a equipe, ouviam o evangelho e percebia-se que tinham dificuldades de entender o que se estava falando. À noite eram realizados cultos, reuniões públicas na rua em frente à escola, onde o evangelho era apresentado em forma de pregação com a duração de trinta minutos aproximadamente e eram cantadas canções cristãs. No início, as pessoas não participavam, não prestavam atenção. À medida que continuavam a serem realizados os cultos, começou-se a perceber maior interesse e uma maior participação nos cultos. As crianças estavam mais tranquilas e ouviam com interesse.

Nos dias 18 e 19/Jan à noite, após o trabalho nas casas, foi passado o filme sobre a vida de Jesus produzido pela empresa *Jesus Film Project* do evangelista americano Bill Bright. Após o filme o Pr. Cesário pregou e fez um convite para as pessoas para seguir a Jesus. Umas 60 pessoas responderam a esse convite. A partir do filme percebe-se uma melhora na compreensão da Palavra e no comportamento durante os cultos, tanto das crianças e adolescentes como dos adultos.

No dia seguinte, após a exposição do filme houve mais um culto evangelístico quando o Pr. Sérgio expos a Palavra de Deus, presidente da Juvep. Nas duas noites seguintes foram feitas reuniões na escola da comunidade onde o Pr. Cesário apresentou palestra sobre o significado de ser cristão. Esclareceu para a comunidade o que é seguir a Jesus. Havia mais de 70 presentes e o que foi bastante surpreendente foi a participação de muitos jovens e adolescentes. Houve indagações como: “o que fazer com as promessas feitas aos santos antes da conversão”? Se passassem para a “lei dos crentes” (é a expressão que os nordestinos usam para referirem-se aos cristãos evangélicos) quem ficaria lá para ensiná-los sobre a Palavra? A partir desse evento, houve mais um culto de despedida, no sábado. Aconteceu na rua, em frente

à escola da comunidade. Houve a participação intensa da comunidade. Quando encerrou o culto, as luzes, que foram colocadas para realizar a reunião, foram apagadas, as pessoas continuaram ali, cantando no escuro e só se dispersaram quando a equipe foi embora. No domingo, encerrando o projeto missionário, houve um culto na recém-inaugurada Igreja Batista de Assunção do Piauí (parceira e resultado do projeto). Veio para esse culto, o vereador Antônio Cosmo da Silva (Totonho) e a sua camionete veio cheia de pessoas do Sítio Velho. No final do culto o Pr. Sergio fez outro apelo para as pessoas decidirem-se a tornarem-se cristãs e o “Totonho” fez a sua decisão.

Dois dias antes de encerrar as atividades foi executado o projeto Semear que consiste em fazer algo de concreto pela comunidade. Na comunidade quilombola do Sítio Velho, os participantes do Projeto Missionário juntamente com a comunidade, fizeram uma limpeza na Escola. Foram arrumados os banheiros que não tinham caixa de descarga e colocada uma pia, o piso foi lavado, limpadado e o pátio da escola foi capinado. Foi pintada uma frase na parede da escola “Ninguém é igual a Jesus” que é da letra de uma canção que foi cantada em todos os cultos e as pessoas da comunidade demonstraram gostar muito.

No último sábado, foi inaugurada a Igreja Batista de Assunção quando foram convidados todos os moradores da cidade para o evento.

A Missão Juvep alocou um casal de missionários para trabalhar no Sítio Velho, Augusto e Priscila. Foram para a comunidade em março de 2015. Em comunicação pessoal, Pr. Sergio informou que trinta pessoas frequentam os cultos com assiduidade e o vereador Antônio Cosmo da Silva (Totonho), que é uma das lideranças da comunidade, está firme na fé. O casal de missionários está realizando estudos: o Augusto com homens e a Priscila com as mulheres. Augusto organizou uma escola de futebol para as crianças da comunidade.

Quanto à igreja plantada na sede do município de Assunção do Piauí, conforme o Pr. Sérgio há uma frequência de mais de 50 pessoas assíduas aos cultos. Também vieram pessoas das comunidades rurais que as equipes do Projeto Missionário evangelizaram pedindo mais informações sobre a Bíblia.

9 AVALIAÇÃO

Foram avaliados os métodos aplicados e os resultados do 62º Projeto Missionário da Juvep, realizado em Assunção do Piauí, em janeiro de 2015. Essa avaliação foi feita a partir do que foi observado durante todo o projeto missionário, das informações obtidas com os obreiros que estão em Assunção do Piauí e com o Pr. Sérgio Luiz Ribeiro, presidente da Juvep, após o referido projeto.

1. Considerando-se o pouco tempo disponível e o custo para se plantar uma igreja nessas condições pode-se dizer que o método é bastante eficaz.
2. O impacto causado em uma pequena cidade, de tantas pessoas, vindas de diversas partes do país é bem grande. A orientação de cumprimentar todas as pessoas, na rua, foi uma estratégia interessante: criava empatia com a população e os habitantes tornaram-se simpáticos com os participantes do Projeto Missionário. Com certeza os cultos e as visitas às casas tornaram-se o principal acontecimento no município naqueles dias. Foram dias de intensa atividade evangelística na cidade.
3. Para a comunidade quilombola, tendo em vista que tinha fortes indícios de serem animistas e pelo fato que a maioria dos adultos é analfabeta, talvez o método de apresentação da Palavra tenha sido pouco eficiente. Percebeu-se que a compreensão sobre o que se falava tornou-se melhor a partir da apresentação do filme e também a participação nos cultos. Portanto, presume-se que deva ser utilizado um método mais visual para a evangelização e que o filme deva ser apresentado à comunidade no início do projeto, logo após travar conhecimento com os habitantes do lugar. O livreto com os estudos bíblicos deveria ser ilustrado com desenhos para que houvesse maior compreensão da mensagem.
4. Algo que ficou demonstrado ter impactado a comunidade criando um ambiente de colaboração e foi o projeto Semear. As pessoas da comunidade participaram ativamente na limpeza da escola e demonstravam satisfação em estar junto com os projetistas fazendo aquele trabalho. Percebeu-se que os moradores que participaram estavam alegres pelo fato de a equipe estar preocupada com o prédio da escola pertencente à comunidade. Talvez essas atividades devessem ocupar um período maior dentro da programação na comunidade, pois isso estreitaria os laços entre os missionários e os que estão recebendo o evangelho.
5. O trabalho com as crianças foi bastante efetivo, alguns dias depois do começo elas estavam mais calmas, comportando-se bem no culto e cantavam, juntamente com a equipe, as canções que aprenderam. Um fato curioso foi que soubemos que num dos dias que não

houve atividades no Sítio Velho, as crianças foram até a capela da igreja Católica e foram cantar as músicas que haviam aprendido. A participação maciça das crianças nas atividades esportivas, sempre presentes nas convocações, cantando nos cultos demonstrou que a mensagem que ouviram causou impacto em suas mentes.

6. Segundo o obreiro que ficou trabalhando no Sítio Velho há uma frequência de 35 a 50 pessoas nas reuniões, além das crianças. Porém, a maioria dos que fizeram suas decisões de seguir a Jesus, durante o Projeto Missionário não se confirmaram na fé. Há cinco pessoas consideradas convertidas. Também a mudança em relação à religião passa pela aceitação comunitária, pela melhor compreensão da mensagem. Isso implica em rejeitar as crenças e costumes antigos, o que não deve ser fácil numa comunidade fechada e com certo grau de isolamento. Entende-se que um problema que deva ser considerado para o “avanço missionário” seja o intervalo entre essa atividade e a instalação definitiva do obreiro no campo. A vinda do obreiro logo após o término do projeto não deixaria uma lacuna muito grande e as pessoas que se opõem, não teriam muito tempo para atuar fazendo que os que aceitaram a mensagem do Evangelho desanimassem.
7. Entende-se que para a comunidade quilombola, não haveria outra oportunidade de ser levado o evangelho de forma mais eficaz que não sendo por um impacto missionário. Que a partir de alguns ajustes na forma de ser apresentada a mensagem torne o trabalho mais eficaz. Também deve haver o comprometimento e o envolvimento de mais igrejas com disponibilidade de recurso para serem investidos no Nordeste, especialmente as do Sudeste e Sul do Brasil.
8. Conforme conversas com o Sr. Marcio que é o obreiro que ficou na igreja recém-inaugurada, na sede do município, ele não pode atender melhor o trabalho porque não tem meio de locomoção. As pessoas que foram evangelizadas nas outras comunidades rurais ficaram sem assistência pela falta de transporte do obreiro. Pensa-se que isso deva ser negociado com a igreja parceira bem como com a convenção da denominação antes da realização do Projeto Missionário.
9. Observou-se que o Projeto Missionário foi eficiente em plantar as duas igrejas no município de Assunção do Piauí, porém deve haver uma ação coordenada com a igreja parceira em assisti-las no seu início e formação da nova comunidade cristã.
10. Impacto do trabalho missionário sobre a equipe: após o encerramento do Projeto Missionário na comunidade de Sítio Velho, a coordenação reuniu-se com a equipe. Foi uma reunião festiva, apenas com as pessoas que trabalharam na comunidade. Cada participante teve oportunidade de externar os seus sentimentos sobre o que presenciou e como via o que

havia acontecido durante aqueles. Foi unânime a percepção de como Deus agiu na vida dos quilombolas. Para o autor o impacto foi muito grande: ver *in loco* as dificuldades e as misérias de toda uma região, a exploração política e econômica que as pessoas estão sujeitas, o estrago causado pelo catolicismo popular e animismo na vida daquele povo.

CONCLUSÃO

Nas condições de comunidades pobres, isoladas e com presença evangélica muito pequena, o método de impacto missionário proposto por Sérgio Lyra (LYRA, 2013, p. 251, 256) ou também “invasão”, que é praticado pela Juvep sob a denominação de Projeto Missionário demonstrou ser eficiente na plantação de Igrejas.

Talvez este seja o método “mais conveniente” para as igrejas das metrópoles, é de curta duração e investimento temporário. Não deixando de reconhecer que o Espírito de Deus age sempre de forma soberana e surpreendente, por outro lado não podemos nos curvar a qualquer metodologia que apresente deficiências, mas sim propor melhorias, em vez de simplesmente criticá-las e condená-las. Defino a minha classificação de invasão como a ação missionária que geralmente se caracteriza por mobilizar pessoas das cidades maiores para uma espécie de “mutirão evangelístico”. A proposta não é ruim, contundo, na sua maioria, o “invasor” nunca se vê como parte da realidade para onde irá por alguns dias (LYRA, 2004, p. 213).

Entende-se que a sua eficiência está no fato de que toda a comunidade, por ser pequena, sabe da presença dos missionários, torna-se um acontecimento importante para uma pequena cidade. Tem como fator positivo também, que as pessoas das cidades do interior são mais hospitaleiras e gostam de receber visitas, por isso todos os participantes do projeto foram bem acolhidos em todas as casas que visitaram. Isso ocorreu também nas comunidades rurais visitadas pela equipe marrom: Sítio Caldeirão e Sítio Velho. O fato de ficarem dois casais de missionários, um na sede do município e outro na comunidade quilombola do Sítio Velho foi algo muito positivo, pois as pessoas tiveram apoio para a sua nova fé e um lugar onde congregar e aprender da Palavra de Deus.

Conforme já foi citado de Sérgio Lyra, o ponto negativo do método de “invasão missionária” é que o participante desse método não se vê como parte da realidade que vai compartilhar por alguns dias. Isso foi percebido pelo autor que teve a sensação de que algo a mais poderia ser feito e que tem muito a se fazer ainda. Também a comunidade é impactada por aqueles dias de intensa atividade em seu meio e depois as pessoas irão embora, criando um vazio. Talvez isso fosse minimizado com uma segunda visita à comunidade, algum tempo depois, por parte dos participantes dos Projetos Missionários. Outra dificuldade nesse tipo de

atividade missionária é a heterogeneidade do grupo: pessoas de regiões muito distintas, culturas muito diferentes com pouco tempo para adaptar-se à situação. Isso cria alguma dificuldade na forma de levar a mensagem do evangelho para aquelas pessoas que são alvo do evangelismo. Há uma dificuldade de se entender o contexto cultural no qual se vai trabalhar.

Considerando as condições descritas sobre a colonização do Nordeste, o catolicismo popular, o sincretismo e animismo predominante, no entendimento do autor, a evangelização do seu povo é algo que deve ser estudado mais profundamente. Entende-se que as premissas para a evangelização urbana do sudeste e sul do Brasil, não se aplicam a essa região. Faz-se necessário uma evangelização contextualizada, não desprezando as características da cultura nordestina. Em relação ao método de apresentar o evangelho para pessoas que nunca ouviram o evangelho e tem conhecimentos muito limitados em relação a Deus, entende-se que deveriam ser evangelizadas utilizando uma mensagem com uma forma mais concreta. Essa conclusão deve-se ao fato de que quando foi apresentado o filme, as pessoas puderam compreender com mais facilidade o que estava sendo dito nas visitas.

Em relação às comunidades quilombolas, localizadas no Nordeste, é necessário que se entenda as suas peculiaridades de serem comunidades de resistência e estarem inseridas na cultura nordestina. Possuem uma história completamente diferente e historicamente sofreram discriminação por causa da cor e da sua origem.

Na preparação dos obreiros que devem trabalhar nessa região há a necessidade de receber treinamentos para entender a cultura do povo com quem devem trabalhar. A mensagem do evangelho deve ser contextualizada para essa cultura, sem deixar de confrontar o pecado e o cristianismo distorcido que há por lá. Considera-se que também deveria haver o envolvimento das igrejas mais estruturadas do Nordeste e de outras regiões do país bem como das escolas de Teologia, na evangelização das pequenas cidades pobres do Nordeste e da região Amazônica onde a presença de evangélicos for muito pequena.

O autor entende que deva haver mais estudos sobre a questão da evangelização nos contextos culturais diferentes, dentro do nosso país. Isso inclui as comunidades quilombolas, comunidades nordestinas tradicionais, comunidades de caboclos ribeirinhos, comunidades de migrantes nas estradas da Amazônia e comunidades gaúchas tradicionais da fronteira do Rio Grande do Sul. Por fim, entende que deva fazer parte dos currículos das escolas de Teologia uma disciplina de missiologia contextualizada à realidade interiorana do Brasil.

REFERÊNCIAS

- A **CARTA de Pero Vaz de Caminha**. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 05/04/2015.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **A África Brasileira: População e territorialidade**. Revista do Acervo do Arquivo Nacional. O negro na sociedade contemporânea v. 22, n.2 (2009). Disponível em: <<http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/116/95>>. Acesso em: 02/04/2015.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Pioneira, 1971, 2 v.
- BECKER, Ulrich. Evangelho, Evangelizar, Evangelista. In BROWN, Colin (Ed.). **Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1982, v. 2, p. 167-174.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Almeida Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Revelação Profética**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- CONSERVA JR., Cesário de Paula. Cosmovisão religiosa sertaneja - análise e conceitos. In: ROGGENSINGER, Beat (Org.). **O Grito do Sertão Nordestino**. Curitiba: Esperança, 2012, p. 41-54.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2 ed. 2009.
- FIABANI, Adelmir. **Os novos quilombos: Luta pela terra e afirmação étnica no Brasil (1888-2008)**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas. Universidade Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/AdelmirFiabaniHistoria.pdf>>. Acesso em: 02/04/2015.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global 52ª ed. 1ª reimpressão. 2014.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQs)**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/crqs/lista-das-crqs-certificadas-ate-23-02-2015.pdf>>. Acesso em: 03/04/2015.
- GUIA GEOGRÁFICO. História da Bahia. **Primeiras missas**. Disponível em: <<http://www.historia-bahia.com/primeiras-missas.htm>> Acesso em: 05/04/2015.
- História de libertação**. Disponível em: <<http://www.assuncaoivre.com/news/historia-de-libertacao-/>>. Acesso em: 9/04/2014.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LYRA, Sergio Paulo Ribeiro. Missões nas cidades do interior. In: BURNS, Barbara Helen (Ed.) **Anunciai entre as nações a Sua glória: palestras e seminários do I Congresso Nordestino de Missões**. Curitiba: Esperança, 2004, p. 210-222.
- LYRA, Sergio Paulo Ribeiro. **Cidades do Interior: uma proposta missionária**. João Pessoa: Betel Brasileiro e Ultimato. 2013.
- ÍNDICE de Desenvolvimento Humano Municipal: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2013. Atlas. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf>>. Acesso em: 3/04/2015.

IBGE cidades. Piauí » **Assunção do Piauí** » **censo demográfico 2010**: resultados do universo indicadores sociais municipais. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=220105&idtema=79&search=piaui|assuncao-do-piaui|censo-demografico-2010:-resultados-do-universo-indicadores-sociais-municipais>>. Acesso em: 9/04/2015.

MEDEIROS, Ildemar Nunes de. **Missionários para o Sertão Nordestino**: desafios, capacitação e evangelização integral. João Pessoa: Betel Brasileiro. 2013.

MILNE, Bruce. **Estudando as doutrinas da Bíblia**. São Paulo: ABU, 2005.

MISSÃO JUEP. **Cursos**. Disponível em: <http://juvep.com.br/v2/?page_id=702>. Acesso em: 20/03/2015.

O'BRIEN, Peter T. Igreja II: Paulo. In: REID, Daniel G. (Ed.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, 1 ed. p. 640-648.

O'DONOVAN JR., Wilbur. **O Cristianismo Bíblico**: da Perspectiva Africana. São Paulo: Shedd Publicações, 1999.

PADILLA, Rene. **El Evangelio hoy**. Buenos Aires: Certeza, 1975.

PAINTER, John. Mundo, cosmologia. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 871-875.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.

RIBEIRO, Sérgio Luís. A história contada. In: ROGGENSINGER, Beat org. **O grito do sertão nordestino**: edição comemorativa JUEP – 30 anos. Curitiba: Esperança. 2012. p. 18.

RIBEIRO, Sérgio Luís. **O Sertão Nordestino é, historicamente, a região menos evangelizada do Brasil**. Disponível em: JUEP: <<http://juvep.com.br/v2/?p=1201>> Acesso em 5/03/2015.

SANTOS, Daniely Monteiro, LIMA, Solimar Oliveira. **Movimento Quilombola do Piauí**: participação e organização para além da terra. Revista Eletrônica Informe Econômico. Ano 1, n. 1, ago. 2013 p. 104 – 110. Disponível em:

<<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/economiaufpi/article/view/1284>>. Acesso em: 02/04/2015.

SILVA, M.P.; BARROS, R.F.M. **Conhecimento tradicional e uso de espécies da caatinga em construções rurais na comunidade Sítio Velho em Assunção do Piauí, Brasil**. Disponível em: <<http://www.revistaaea.org/artigo.php?idartigo=1987>>. Acesso em: 15/04/2015.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese (doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, DF 2006. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/UserFiles/File/tese_Convivencia_semiarido_Roberto_Marinho.pdf>. Acesso em: 14/08/2014.

SNYDER, Howard. **A comunidade do Rei**. São Paulo: ABU. 1 ed. 2004

SOUZA, Barbara Oliveira. **Aquilombar-se**: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília. Brasília, DF 2008. Disponível em:

<http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/28/TDE-2009-04-17T114439Z-3826/Publico/2008_BarbaraOliveiraSouza.pdf>. Acesso em: 19/03/2015.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**. João Pessoa: Betel Brasileiro, São Paulo: Vida Nova, 2012 1 ed.